

A LITERATURA COMO MONUMENTO: O COTIDIANO DA FRONTEIRA NA OBRA DE PEDRO DE MEDEIROS

Wandir Mello - wandirmello@yahoo.com.br

LITERATURE AS A MONUMENT: THE BORDER'S DAILY IN THE WORK OF PEDRO DE MEDEIROS

RESUMO: Este artigo apresenta análise da obra do poeta e cronista corumbaense Pedro Paulo de Medeiros enquanto lugar de memória, haja vista a sua literatura encerrar o peso e o significado cultural que caracterizavam a cidade de Corumbá/MS no começo do século XX. Do livro póstumo Poesias, crônicas, comentários, obra organizada pelo seu filho Djalma Medeiros e lançada no ano de 1967, foram extraídos elementos que mostram o cotidiano da sua cidade, que faz fronteira com a Bolívia, e que carrega em seu bojo um caráter memorialista, de uma literatura de monumento. A fundamentação teórica deste trabalho tem perspectivas histórica e social, baseando-se nas reflexões e discussões dos teóricos Maurice Halbwachs e Stuart Hall acerca da questão da memória coletiva, extraindo dos poemas e das crônicas estudados um panorama mais completo da cidade, de seus personagens e das trocas culturais que foram ali estabelecidas. O método utilizado, o de análise de conteúdo, tanto do livro do autor, quanto de outros autores da região, possibilitou traçar um perfil da Corumbá de então, dando um vislumbre da situação econômica e social da Cidade Branca e das figuras que a orbitavam, de pescadores a intelectuais, situando no tempo-espaço a cidade que inspirou sua obra.

Palavras-chaves: Pedro de Medeiros; Cotidiano de fronteira; Memória.

ABSTRACT: This article presents an analysis of the work of the poet and chronicler Pedro Paulo de Medeiros as a place of memory, since his literature contains the weight and cultural significance that characterized the city of Corumbá / MS in the early twentieth century. From the posthumous book Poems, Chronicles, Commentaries, a work organized by his son Djalma Medeiros and released in 1967, elements were extracted that show the daily life of his city, which borders Bolivia, and which bears a memorialistic character, from a monument literature. The theoretical basis of this work has historical and social perspectives, based on the reflections and discussions of theorists Maurice Halbwachs and Stuart Hall about the issue of collective memory, extracting from the poems and chronicles studied a more complete panorama of the city, its characters and of the cultural exchanges that were established there. The method used, the content analysis method, both from the author's book and from other authors of the region, made it possible to draw a profile of the Corumbá then, giving a glimpse of the economic and social situation of the *White City* and the figures that orbited it, from fishermen to intellectuals, situating in time-space the city that inspired his work.

Keywords: Pedro de Medeiros; Borderline daily life; Memory.

INTRODUÇÃO

A literatura se alimenta daquilo que a rodeia, quer seja por meio de um retrato relativamente fiel do objeto observado, quer seja reconstruindo totalmente seus significados por meio de símbolos e alegorias. O cotidiano – qualquer que seja ele - serve, portanto, como matéria-prima literária, inspiração primeira para quem se lança no mundo da escrita. No entanto, é complexo falar em uma abordagem concreta no campo literário por este se tratar de um universo essencialmente ficcional. A primazia da abordagem realista cabe à história, porque está escrita com maior impessoalidade e relativamente mais isenta se comparada à subjetividade criativa da Literatura, esta com obras libertas da necessidade de comproabilidade científica. Porém, podemos dividir a própria literatura em dois grandes grupos: a histórica e a de ficção.

O primeiro grupo se voltará para fatos coletivos, tendo, portanto, o mundo real como cenário das tramas mais variadas, utilizando-se para isso de personagens e lugares legítimos, trabalhando em níveis menores de ficcionalização.

O segundo grupo, por sua vez, trabalhará com mundos impossíveis, nascidos da fantasia e da imaginação, sendo estes, ora superiores ao nosso em aventura e desenvolvimento, ora distópicos e terríveis ao mostrar um futuro de valores morais desvirtuados. Ainda assim, mesmo neste segundo grupo, no que pese a literatura ressignificar símbolos, reconstruindo a realidade em graus variados, ainda será possível discernir - mesmo sob todas as camadas do verniz de uma escrita fantasiosa - o nosso cotidiano, seja este regional, nacional ou mundial. É exatamente pelo seu caráter divergente, em relação à abordagem da realidade em que viveu, que a obra do corumbaense Pedro de Medeiros, objeto de estudo deste artigo, se destaca na literatura sul-mato-grossense. Urge a necessidade de se manter vivas as lembranças de um passado significativo, tornando o resgate da obra do poeta algo vital na tentativa de se reconstruir aspectos da sociedade de então. Nesse sentido, Maurice Halbwachs (1990), o primeiro estudioso a utilizar o termo *memória coletiva*, diz que

não é por má vontade, antipatia, repulsa ou indiferença que ela esquece uma quantidade tão grande de acontecimentos e de antigas figuras. É porque os grupos que dela guardavam a lembrança desapareceram. (HALBWACHS, 1990, p. 84).

Sobre a necessidade de se resgatar registros literários como meios de se entender o passado, o estudioso é categórico:

Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, aquele mesmo em que esteve engajada ou que dela suportou as consequências,

que lhe assistiu ou dela recebeu um relato vivo dos primeiros atores e espectadores, quando ela se dispersa por entre alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades para as quais esses fatos não interessam mais porque lhe são decididamente exteriores, então o único meio de salvar tais lembranças é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida, uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem. (HALBWACHS, 1990, p. 80 e 81).

PEDRO PAULO DE MEDEIROS: UM ESCRITOR A SERVIÇO DE SEU TEMPO

O poeta, cronista e jornalista Pedro Paulo de Medeiros Júnior nasceu em Corumbá, então ainda parte do estado de Mato Grosso, em 25 de novembro de 1891 e faleceu em 12 de abril de 1943, na mesma cidade, aos 51 anos. Estudou apenas o curso primário, o que não o impediu de, ao longo de sua vida, dotar-se de excelente erudição. Ingressou no serviço público federal pelo Ministério da Fazenda, tendo servido nas cidades de Cuiabá/MT, Rio de Janeiro/RJ e, na maior parte de sua carreira, em sua Corumbá natal. Foi poeta e cronista, tendo a cidade – seu povo e sua natureza - como inspiração maior. Seu livro póstumo, *Poesias, crônicas, comentários*, foi organizado e lançado pelo seu filho, Djalma Medeiros, somente em 1967. Em vida, o escritor reuniu imagens e representações de um mundo que passava por mudanças: se por um lado o passado da cidade foi movimentado pelo comércio e pelo fluxo de pessoas ligadas ao porto geral, gerando assim riqueza, trabalho e mesclando culturas, também havia ainda resquícios de tempos violentos e conflituosos, quando a Guerra do Paraguai (1864-1870) trouxe medo e insegurança à população.

De certa maneira, liberta das amarras do pitoresco e do exótico, comuns às produções literárias do início do século XX, sua literatura dissente da de seus pares por haver nela o diálogo com a realidade. Poesia e realidade se misturaram para dar cor a uma Corumbá em ebulição cultural e comercial. O cotidiano dos moradores da cidade que faz fronteira com a Bolívia mostrar-se-á em toda a sua riqueza nos poemas e nas crônicas de Medeiros, criando uma fisionomia que vai além da exuberância do Pantanal.

No início do século XX, Corumbá crescia e, conseqüentemente, as diferenças sociais desvelavam-se. Enquanto pecuaristas e latifundiários tornavam-se mais ricos e poderosos, o número de famílias pobres crescia. Surgiram as figuras do trabalhador miserável e da criança de rua, a moradia de lata e o pescador entregue ao álcool. O fato de o poeta preocupar-se em retratar essas dicotomias deu à sua obra um importante valor histórico, afinal, “não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial”, (HALBWACHS, 1990, p. 143). Pela sua produção é possível tanto imiscuir-se nas festas das mais abastadas famílias da cidade –

aniversários, concursos de *miss*, posses de políticos, jogos de futebol - quanto vislumbrar as pequenas tragédias que se davam com os menos favorecidos, o cotidiano de luta e necessidade das minorias trabalhadoras, como dos pescadores, donas-de-casa e menores abandonados. O retrato da sociedade corumbaense de então faz-se mais preciso quando o poeta evita a simples descrição da natureza pantaneira ou da faceta arquitetônica da cidade, partindo para o escrutínio das relações humanas ali estabelecidas, enriquecendo a sua visão.

A relação homem/natureza, mesmo não sendo o centro de sua obra, também aparecerá em seus escritos, sendo o pantaneiro, figura máxima dessa relação de dependência, presença constante em sua obra. A valorização da tristeza e do desajuste social, aliás, são representações do Simbolismo adotadas por Medeiros. Para Lucilene Medeiros Arf,

Explorar essa espacialidade é ir além de revelações físicas, como o conjunto arquitetônico de casas e prédios, ruas, praças e da paisagem exuberante, como é a de Corumbá, composta por montanhas, pantanais, rios...mas também é descobrir sentimentos e como os atores desse tempo se relacionavam com os lugares frequentados ou recriados dentro da imaginação do poeta. (ARF, 2017, p. 109)

Sua obra, uma vez reunida e analisada em conjunto, resulta em material suficiente para esboçar um retrato não apenas estético e cultural de sua cidade, mas também social, desenhando suas festividades e seus personagens, simples ou complexos, ricos ou pobres, dando uma identidade ao passado da cidade. Para Hall,

uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença. (HALL, 2006, p. 21).

A memória social de um dado grupo pode ser montada reunindo-se fragmentos advindos das mais variadas fontes, pois o conceito de memória é transdisciplinar e, assim, através desse esforço, é possível reconstruir um passado. Gondar (2005) defende que essa transdisciplinaridade ocorre pelo fato de a memória não pertencer exclusivamente a este ou aquele grupo, mas que é, antes, um constructo resultante de variadas relações sociais. Para Gondar,

A memória social, como objeto de pesquisa passível de ser conceituado, não pertence a nenhuma disciplina tradicionalmente existente, e nenhuma delas goza do privilégio de produzir o seu conceito. Esse conceito se encontra em construção a partir de novos problemas que resultam do atravessamento de disciplinas diversas (GONDAR, 2005, p.15).

Para Arf, Medeiros fala de uma cidade filtrada pela subjetividade, resultando em uma imagem que é fruto de um trabalho artístico, da relação do poeta com a palavra, sobretudo da palavra muito

próxima do cotidiano, o que colabora para construir uma representação da realidade da época, elucidando o lugar onde o texto foi produzido e a sociedade na qual penetra o escritor, bem como o ambiente social e cultural e as regras vigentes, estabelecendo relações entre si e outros campos que constituem essa vida social marcada pelos jogos de poder vinculados ao campo político.

A produção de Medeiros dividiu-se em poemas e crônicas, sempre vinculadas em jornais locais, principalmente no diário *Tribuna*. Se suas crônicas visavam o cotidiano frugal dos corumbaenses – visitas de personagens ilustres, campanhas eleitorais, bailes e quermesses - seus poemas, em contrapartida, investigavam aquilo que lhe calava mais fundo. A imagem ora forte, ora triste do pantaneiro e sua solidão, a saudade, as privações de uma infância pobre, a guerra e suas marcas indeléveis deram a tônica à sua poética politicamente atuante.

A infância foi, para Medeiros, um lugar tanto de alegrias efêmeras, em que rememora amizades primevas, quanto de férreas penúrias, quando não se tem onde morar ou inutilmente se espera presentes de Natal que não virão. Não é sem surpresa que encontramos uma crítica social tão aguda em poemas de um escritor corumbaense do começo do século passado. Que tais diferenças sempre existiram é sabido, mas não há nada de consuetudinário em explicitá-la de tal forma, muito menos em poemas que concorriam em tempos de elegias e exaltações de belezas naturais. Medeiros diz, em “Súplica do menino pobre”:

- Papai Noel, escuta: aqui está o meu sapato
à espera de um presente que há de ser barato.
Escuta, Papai Noel: a noite deslumbrante,
desceu por sobre a terra assim como um turbante
negro! Todo cheio de estrelas diamantinas!
(MEDEIROS, 1967, p.45)

A tônica do poema se mantém na resignação da criança pobre, mas seu significado vai além, e possibilita um contato entre dois universos: o do eu-lírico e o das outras crianças, num vislumbre em que é possível ao personagem se aproximar virtualmente daquelas pessoas abastadas e felizes na suntuosidade de suas casas, no cumprimento dos tradicionais rituais festivos da época natalina:

Há casa que parece uma gaiola de ouro
Onde o riso e a alegria encerram seu tesouro!
Onde há crianças lindas e velhos venturosos
E doces, Papai Noel! E bombons saborosos!
- Encantados jardins, onde há perfume e luz
Mas onde ninguém recorda o Menino-Jesus
Que foi tão pobrezinho! Tão pobre como eu!

Papai Noel bem sabe onde Jesus nasceu...
Escuta, Papai Noel: não tenho inveja não!

Deixa no meu sapato um pedaço de pão!
(MEDEIROS, 1967, p.45)

A crítica social presente em seus poemas revela uma abordagem diferente da de outros autores contemporâneos, presos que estavam a uma visão ufanista do Pantanal e de suas belezas, exagerando romanticamente as descrições da cor local. A obra de Medeiros apresenta um diálogo entre natureza e cidade, ora predominando a nota urbana, ora fazendo-se ouvir por meio das belezas naturais.

Medeiros surge, portanto, como uma *outra voz*, aquela que ampliará o horizonte analítico quando se fala em memória coletiva. Partindo do princípio que as memórias não se materializam em corpos ou mentes, a memória coletiva só tomará forma quando da soma dessas memórias individuais coletadas na sociedade circundante. Halbwachs afirma que as memórias individuais só se formam quando nos enxergamos como parte de um todo, daí o fato de as memórias da primeira infância se perderem tão facilmente, pois o seu armazenamento é prejudicado pelo fato de que “nossas impressões não se podem relacionar com esteio nenhum, enquanto não somos ainda um ente social” (HALBWACHS, 1990, p. 38). Halbwachs defende ainda a ideia de que os indivíduos participam concomitantemente de duas memórias, as suas, individuais, e a da sociedade em que vive, a coletiva, esta substancializando-se em palavras e ideias. Sobre essa interdependência das memórias coletiva e pessoal, o autor afirma:

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. (HALBWACHS, 1990, p. 26)

Quando o enfoque é dado à vida camponesa, ao embrenhamento e à imiscuição do elemento humano nos pantanais da região, é sobre a mansidão e a complacência do morador rural que Medeiros joga suas luzes. A separação entre o campo (calmo, pachorrento e lento) e a cidade (agitada, célere e festiva) também constitui por si só uma espécie de fronteira e, nesse sentido, Achugar (2006, p.32) relembra que há “outros de outro”, a “periferia da periferia”, isto é, aquilo que separa, não necessariamente de maneira física, mas em um nível mais subjetivo, comunidades culturais de um mesmo país, região ou cidade. Isso que Achugar (2006) julgou chamar de “aldeanismo” ocorre também nos encontros culturais entre a Corumbá rural e a Corumbá urbana dos poemas de Pedro de Medeiros. Sobre essa fronteira interior, esse entre-lugar, Paulo Sérgio Nolasco dos Santos diz:

Desta perspectiva, o próprio entendimento sobre ‘região’ precisa ser revisitado. Trata-se de compreendê-la como dinâmica de um processo, onde a relação entre região, espaço e representações, subsumidas no texto e nas demais manifestações culturais, reflita as

diversificadas formas de representação. [...] Uma região, assim, prefigura, compartilhando, uma das premissas básicas do Comparativismo, que afirma a arbitrariedade dos limites e a importância das zonas intervalares. (SANTOS, 2008, p. 28).

O uruguaio Hugo Achugar, em seu livro *Planetas sem boca* (2006), afirma que as histórias locais são fontes riquíssimas para a produção de conhecimento, mais ainda quando o posicionamento do sujeito que as vive é levado em conta, afinal

O sujeito local pensa, ou produz conhecimento, a partir da sua ‘história local’, ou seja, a partir do modo que ‘lê’ ou ‘vive’ a ‘história local’, em virtude de suas obsessões e do horizonte ideológico em que está inserido. A ‘história local’, a partir da qual o presente trabalho está escrito, tem a ver com interesses locais concretos, os quais não têm valor universal, e ambos não podem ser propostos como válidos para toda a América Latina e, talvez, menos ainda, para esse conjunto que alguns chamam de ‘as Américas’. (ACHUGAR, 2006, p. 29)

Os pantaneiros de Medeiros também abraçam esse nativismo, elevando o *locus* do seu discurso a um nível quase etéreo, sua morada torna-se lugar de meditação e complacência. Em “No Pantanal”, por exemplo, a rotina de dois velhos moradores de pequena propriedade rural surge como uma espécie de oásis quando comparada com o dia-a-dia da cidade. Urge a esses personagens agradecer pela dádiva daquela moradia, daquela modéstia em que vivem e da qual não tentam se livrar:

Manhã de sol. Ao lado da cabana,
“seá” Rita assopra o fogo, de joelhos.
Batidos trapos brancos e vermelhos
se estendem no varal, que o vento abana...

São “nhô” Juca e “seá” Rita já bem velhos,
e a anônima humildade ali os irmana...
Galinha no terreiro...milho...cana...
Vivem, na alma dos dois, dois evangelhos!

Cheiro de café torrado. O bom velhinho
um “pito” a fumar, caniço em punho,
embarca na canoa remendada...

E, lá dentro da mata, um passarinho,
- pintassilgo, ou sabiá, quem sabe? (é junho)
Glorifica a pobreza afortunada.
(MEDEIROS, 1967, p.19)

O urbano e o rural, universos imiscíveis em muitos aspectos, são, na obra de Medeiros, complementares. Destarte, os elementos humanos em ambos os cenários nos ajudam a desenhar uma imagem mais completa do que era *ser* corumbaense naquele começo de século, isto é, o arcabouço

social de então só se faz completo quando as duas realidades são trazidas à tona, criando-se, assim, um aporte para a perquirição da sociedade da época.

A cidade poderia apenas ressignificar a vida moderna corumbaense, intercâmbios sociais intensos como um organismo em constante progresso. No entanto, os temas históricos, igualmente comuns a escritores ditos regionais, permeiam os escritos de Medeiros, além de conter a idiossincrasia de seus laivos simbolistas. Seu poema mais famoso, “Lenda Boróro”, sobre a “criação” da cidade de Corumbá, que na mesma época ganhou a alcunha de *Cidade Branca* - que ainda ostenta -, brincar com as formas alvas e as cores da região, naturais ou artificiais, recorrendo à imagética das estrelas e dos espelhos para criar um vislumbre da beleza de sua terra natal:

E Corumbá surgiu, por sobre a terra branca,
Na alegria sem par do gentil casario
Entre o verde dos montes, - no alto da barranca,
Debruçada a sorrir para o espelho do rio...
(MEDEIROS, 1967, p.11)

Percebemos nesses primeiros versos o predomínio da visão urbana da vida, mesmo quando o objeto central do poema é a natureza. O jovem Medeiros é impelido a retomar os temas urbanos devido à correlação entre a natureza, provedora de recursos e riquezas, e os agentes que tomam parte nessa relação, personagens de camadas sociais tão diferentes como agropecuários, comerciantes até trabalhadores braçais, pescadores e donas-de-casa. A sociabilidade advinda das relações ali mantidas - regidas por regras que a definiam e fundamentavam - era que legitimava a urbanidade de então, escavada do próprio chão sobre o qual essas relações se davam. Era à beira do Rio Paraguai que essa amálgama ganhava forma. Essa troca, esse contato entre os agentes responsáveis pelas engrenagens que moviam a sociedade corumbaense “obedece [...] a uma territorialização, que vai fornecer imagens, tipos, costumes, linguagens” (GOMES, 2004, p.136), proporcionando uma existência febril no sul do então Mato Grosso, fazendo do eu lírico um crente na cultura urbana de seu tempo, intrinsecamente ligada à natureza pantaneira.

Não obstante, no diálogo entre natureza e urbanidade, Medeiros ainda cria espaço em sua poesia para embuti-la com vieses oníricos, criando uma imagética voltada para o supranatural, para o misterioso. Assim, grande parte da produção poética de Medeiros reflete o desafio em perceber, conceber e construir vínculo com a produção dos poetas do simbolismo, que primavam pela representação da realidade, dando-lhe um caráter místico, imaginário e subjetivo.

OS REFLEXOS SIMBOLISTAS NA OBRA DE MEDEIROS

O simbolismo foi uma escola artística surgida na França nos finais do sec. XIX e que se caracterizou por evocar os objetos ao invés de diretamente nomeá-los. Os simbolistas se propunham a decifrar os mistérios do mundo a partir da busca de correspondência para os *símbolos*. Charles Baudelaire, Rimbaud e Verlaine foram alguns dos precursores desse movimento na literatura, que ganhou força no Brasil, no Sec. XX, agregando alguns escritores e, principalmente, poetas. Não foi um movimento tão disseminado, já que era concomitante ao parnasianismo e modernismo e foi rapidamente absorvido pelo último. No entanto, produziu grandes talentos e marcou obras de diversos autores como Augusto dos Anjos e Cecília Meireles.

O simbolismo é, em linhas gerais, um movimento que explora o espaço e, inclusive o toma, em algumas situações, como personagem. Tempo e espaço se mesclam criando uma espacialização do tempo e temporalização do espaço. No poema “Os Sete Velhos”, por exemplo, Baudelaire irá narrar sua incursão por uma cidade grande, referindo-se assim ao tecido urbano:

Cidade a fervilhar, cheia de sonhos, onde
O espectro, em pleno dia, agarra-se ao passante!
Flui o mistério em cada esquina, cada frente,
Cada estreito canal do colosso passante.
(BAUDELAIRE, 1985. p.331)

Já no poema “O sol”, o poeta francês lança mão dos três elementos fundamentais de uma sociedade: o humano, o natural e o urbano, cerzindo-os com as características comuns aos poemas simbolistas e, de quebra, ainda o ponteia com questões sociais, indagando-se sobre o quão voláteis podem ser as diferenças entre a classes sociais de um determinado conglomerado urbano. Ao utilizar a luz como símbolo, Baudelaire diz que, independentemente dos papéis sociais que nos são imputados, pouco ou nada nos faz efetivamente diferentes entre si.

Quando às cidades ele vai, tal como um poeta,
Eis que redime até a coisa mais objeta,
E adentra como rei, sem bulha ou serviçais,
Quer os palácios, quer os tristes hospitais.
(BAUDELAIRE, 1985. p.319)

Como Baudelaire, Medeiros também aborda a fuga da realidade, algo comum ao Simbolismo. A nostalgia, o isolamento e a solidão eram citados como uma espécie de exílio auto imposto, consorciados na religiosidade e mesmo na loucura. Em seu poema “Inquietude”, Medeiros se envereda pelo solitário campo das despedidas, baixando alguns tons de sua poesia quando comparada a de outros trabalhos seus, mais luminosos, com temas mais pueris e menos graves:

Virás um dia...sei quando!?
Talvez para a despedida!
E nos veremos chorando,
do contraste num transporte:
tu subirás para a Vida,
eu descerei para a Morte!...

Tua alvorada: - Bonança!
Meu Ocaso: - Iniquidade!
- Irás rumo da Esperança
E eu, rumo da Saudade!
(MEDEIROS, 1967, p.25)

Na obra “Coração...”, vemos escancarada a ambivalência da alma humana, contraditória e polifônica. O gosto simbolista pelo etéreo, pelas cores e pelas texturas delinea todo o poema, tornando-o um exemplo máximo da inclinação de Medeiros a essa escola literária:

É o Solar da Descrença e o Castelo da Fé.
Câmara Mortuária e Sala de Cabaré.
É um escravo d’alma e um laçao da matéria,
Torre do altruísmo e gruta da miséria.
Esconde o crime, o vício, agasalha a virtude,
Tugúrio de gemidos, soluços e inquietudes,
- coração para-raios! Ó coração antena!
Favo de mel às vezes e muitas vezes gangrena!

Coração treva e luz!
Glória e horror!
É um posto para a Cruz
e um vaso para a flor!

Canteiro, vive nele a flor do Bem, do Mal...
- antro, caverna, alcouce, - Catedral!
(MEDEIROS, 1967, p.38)

Esse estilo se confirma, na obra do mato-grossense, na medida em que ele também evoca os elementos do lugar e exprime os temores coletivos e a homogeneização dos modos de vida e pensamento, em uma época em que o espaço da diversidade literária e linguística estava em acordo com os movimentos nacionais. Sua literatura se equilibra numa linha entre ficção e realidade e frequentemente é tão difusa como a que separa a história pessoal da história nacional. É um contínuo processo de reconstrução do eu e de valorização dos acontecimentos históricos. O espaço o permite representar o processo de construção dos monumentos que estruturam uma cultura visual, possibilitando uma gramática de leitura da cidade.

A Corumbá de Medeiros se enredava por caminhos que estavam por definir o seu perfil social, dali em diante. Como matéria poética, seus escritos trariam à tona mais do que personagens aleatórios, antes, homens, mulheres e crianças que viriam a sumarizar a urdidura social que ali se consolidava. O resultado dessas escolhas logo salta aos olhos: a cotidianidade que lhe serve de matéria poética abarca tanto a dos pantaneiros em seus afazeres rurais, quanto a da alta sociedade, em seus saraus e afins.

A infância em seus poemas pode ser tanto aquela dos alunos do Ginásio Salesiano de Santa Teresa – colégio tradicional de elevado conceito entre as famílias mais abastadas daquele começo de século, onde o próprio autor estudara -, quanto a dos meninos e meninas pobres, filhos de pescadores ou mesmo sem um lar para morar. O poema “Majestade”, por exemplo, está dedicado “À formosa e culta senhorita Corina de Barros, no ato da sua coroação como rainha do Corumbaense Futebol Clube”.

Faz-se necessário ressaltar que, para o tempo histórico em questão, em se contando o peso cultural de um evento como esse, mesmo uma celebração de coroação da rainha do time de futebol da cidade deve receber o devido crédito no que tange à movimentação social que promovia. É o que afirma Hall:

Os indivíduos são formados subjetivamente através da sua participação em relações sociais mais amplas; e, inversamente, do modo como os processos e as estruturas são sustentados pelos papéis que os indivíduos nele desempenham. (HALL, 2006, p. 31)

Cabia a Medeiros, portanto, cumprindo seu papel de comunicador – que, lembramos, era também radialista, cronista e jornalista - fazer a cobertura de tais eventos. O que fazia, por vezes, com o ataviamento poético que lhe aprouvesse. No poema citado, com um maneirismo ufanista e *kitsch*, o escritor enaltece a vencedora, representante de uma tradicional família corumbaense:

Licença, majestade! No programa
das festas desta noite em Vossa Casa,
a Côte impertinente já reclama
que o pobre menestrel não perca a vaza...

E a dúvida, Senhora – ó! sim! – me abraça:
pois não sei se é um soneto se é Epigrama
o que vou recitar – vendo tão rasa
a piscina em que irei buscar a trama!

Do fundo dessa Fonte de Castália,
já saíram as Pérolas, Senhora,
para o Vosso colar e pr’o diadema:

No jardim das Espérides? Nem dália!
Foi tudo posto aos vossos pés nest' hora
porque sois perfeitíssimo Poema!
(MEDEIROS, 1967, p.15)

AS FACES DO REALISMO NA OBRA DE MEDEIROS

A produção literária de Medeiros está marcada por várias tendências da época. É possível que seu estilo resguarde uma marca maior do simbolismo, mas o autor não deixou de dialogar com outras escolas, como a realista, por exemplo. Nesse período, percebe-se determinados autores preocupados em dar continuidade à poética que explorava a realidade a partir de uma perspectiva crítica, ainda que esse olhar reflexivo estivesse subentendido. Parece consenso entre os estudiosos que a literatura inserida no movimento modernista precisa dialogar com todos os outros vieses anteriores já que vários fatores da época como a violenta industrialização e a urbanização desenfreada vão solicitar esses conhecimentos para a promoção de leituras analíticas. Há a eclosão de novos personagens sociais marcados pela ascensão à riqueza, trazendo consigo novos valores do comércio, indústria, lojas, casas bancárias, bem como a burocracia governamental criada a serviço destes. Em Corumbá se fortalece a imprensa, a escrita como mercadoria, bem como outros produtos que possibilitam esse consumo, no caso, a escola. “Se eu pudesse voltar”, homenagem de Medeiros ao colégio Santa Teresa (quando da comemoração do dia de São João Bosco), a infância é evocada em imagens idealizadas, quase como se estudar ali proporcionasse aos jovens alunos uma ascensão interior:

Se eu pudesse voltar pela estrada da vida
à casa em que passei minha melhor infância,
retroceder um dia à fase já perdida
nas dobras do Passado...é tão grande a distância!

De certo que eu viria, - divino privilégio!
Estar aqui entre vós, feliz, a reviver
os anos que passei neste vosso Colégio,
que foi também o meu, que não posso esquecer!

Viria desfrutar esta santa harmonia
que incensa o ambiente em que viveis, - e mais
- eu teria de novo, em minh'alma a alegria
que sendo minha, foi, também, a de meus pais.
(MEDEIROS, 1967, p.31)

Em contrapartida, Medeiros também enfocará a pobreza e a convalescença que nela se produz, com um efeito particularmente mais atroz sobre os mais jovens. Aqui não haverá mais

espaço para o sugerir e o evocar, ferramenta utilizada em seus arroubos simbolistas, mas sim para designar e apontar a realidade.

Essa pelintrice infantil aparece em poemas como “Romance do garoto esfarrapado”, de Medeiros, triste relato de barreiras sociais transubstanciando-se em barreiras físicas, aqui, personificadas na figura metafórica do vigia que impede o menino de assistir a apresentação do circo que acabara de chegar à cidade, restando a ele, o menino, apenas aquilo que realmente lhe pertencia e que nenhum vigia conseguiria arrancar: o sonho.

Quis passar pelo pano. E o aramado?
Veio um vigia. Se afastou com medo.
E triste e cabisbaixo e magoado,
lá se foi para “acordar mais cedo”...

Havia em taboleiros muito bolo,
e o pobresito não comeu nenhum!
No cortiço, deitou sobre o tijolo
e adormeceu! Dormiu no seu jejum!

Veio o dia seguinte e de tristeza
em seu semblante não se via um traço.
E contava aos “guris” da redondeza:
- Que bom! Sonhei que era palhaço!...
(MEDEIROS, 1967, p.32)

O conjunto da obra de Pedro de Medeiros, na qual se incluem, além dos poemas, crônicas escritas para sua coluna no jornal *Tribuna*, uma peça de teatro e as chamadas crônicas de rádio, situa o leitor dentro de uma organização memorialística coletiva e visual, fazendo com que este participe do jogo de recriação e das operações levadas a cabo no processo textual. Segundo Wolfgang Iser,

Os autores jogam com os leitores e o texto é o campo do jogo. O próprio texto é o resultado de um ato intencional pelo qual um autor se refere e intervém em um mundo existente, mas, conquanto o ato seja intencional visa a algo que ainda não é acessível à consciência. Assim, o texto é composto por um mundo que ainda há de ser identificado e que é esboçado de modo a incitar o leitor a imaginá-lo e, por fim interpretá-lo. (...) inevitavelmente, o mundo repetido no texto começa a sofrer modificações. (ISER, 2002, p.107)

As interações de Medeiros com o mundo real sofrem modificações à medida que são referenciadas. De igual modo, é concebido pelo leitor não como realidade, mas segundo Iser, como *se fosse* realidade. O mundo encenado pode repetir uma realidade identificável, mas está marcado por uma existência extratextual. A sociedade de então, produto da disputa entre o conservadorismo das elites agrárias e os novos ventos modernistas vindos do Sul e do Sudeste do país, ganha um

retrato esclarecedor na produção do escritor. Bosi (1992, p. 176) afirma que analisar a história pela literatura requer sempre a articulação entre o extrínseco e o intrínseco, do que se conclui que, tão importante quanto aquilo a que determinada obra se refere é a busca da compreensão da época em que esta foi forjada. Ou seja, não apenas os personagens retratados terão papel importante em uma abordagem literária da história, mas o tempo e o espaço contribuirão em igual medida para que se crie um panorama mais completo da época que se pretende estudar.

A literatura deve não apenas reconhecer a complexidade do campo social – sua diversidade e seus conflitos - como registrar e expressar seus aspectos sob as mais variadas formas. A cidade é um palimpsesto onde se pode ler a passagem da história. Junto com o tempo, também a representação da indústria como desenvolvimento, contribui para construir uma imagem concreta e cotidiana de Corumbá, ajudando a entender que longe de ser uma “terra de ninguém”, por estar na fronteira do país, está percebida pelo eu lírico como um lugar para se defender, com fins precisos, tanto dentro como fora.

A linha de trem que então atendia o município, a Noroeste do Brasil, alcunhado Trem do Pantanal, dava vida à cidade, ligando-a, em seu trecho final, a Bauru/SP. Poderoso símbolo do progresso que aos poucos se alastrava pela *Cidade Branca*, a figura progressista e heráldica do trem nos poemas de Medeiros conduz o leitor a um tempo em que essas viagens ocupavam lugar de destaque na vida econômica e social dos moradores. Orbitavam em torno da imagética ferroviária tanto a urbanidade das cidades pelas quais o comboio passava, quanto o remanso da natureza pantaneira, cujo coração era cortado pelo serpentear do maquinário pesado.

De maneira elaborada, no poema “A última estação” Medeiros faz uma comparação entre a azáfama criada pelas chegadas e partidas dos viajantes nas estações e as mulheres. Esse desenfado, não importando que seja quase juvenil à primeira vista, guarda informações preciosas sobre a cotidianidade das viagens ali iniciadas ou concluídas:

Esta viagem que eu faço agora
pela Estrada de Ferro, é parecida
com a viagem que foi feita outrora,
- mal eu despertara para a Vida...

O trem vai caminhando, caminhando,
e dá uns apitos estridentes quando
está para chegar a uma Estação...
Vai passando cidade por cidade...
E eu ponho os olhos por curiosidade
Janela a fora, cheio de emoção!
(MEDEIROS, 1967, p.34)

O Trem do Pantanal manteve-se por anos a fio como um poderoso símbolo da região pantaneira, da sua natureza, do seu povo e da íntima relação entre estes. Sua presença na música e na literatura ajudou a criar uma figura mítica nas memórias dos moradores que fizeram uso desse meio de transporte. Nesse sentido, Pierre Nora diz que a memória coletiva funciona como um arquivo, e que há a necessidade de se defender um determinado passado, pensando em não perdê-lo.

Para o autor,

[...] os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, [...] se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los [...] (NORA, 1993, p.13).

A luta para se manter esse passado requer recursos que extrapolam a individualidade: ao se buscar pontos em comum que ligam vários passados, o autor admite em seu escopo pensamentos por vezes diversos dos seus, que, somados, formam uma imagem ampliada de um cenário. Sobre essa coadjuvação de olhares, Halbwachs (2006) afirma:

Outros homens tiveram essas lembranças em comum comigo. Muito mais, eles me ajudam a lembrá-las: para melhor me recordar, eu me volto para eles, adoto momentaneamente seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois sofro ainda seu impulso e encontro em mim muitas das ideias e modos de pensar a que não teria chegado sozinho, e através dos quais não teria chegado sozinho. (HALBWACHS, 1990, p.27).

O jogo de palavras utilizado neste trecho do poema nos diz muito sobre a miríade de personalidades que facilmente se encontravam fazendo uso desse meio de transporte, em atividades sociais cujo ápice se dava naquele lapidar cenário *fin-de-siècle*:

Num único vagão,
sem que ninguém protestasse,
gente de toda classe
andava em confusão...

Eram d. Esperança,
sorridente e perversa;
A Senhora Bonança
e a menina Conversa...
O Sr. Gargarejo
e seu filho – o Desejo;
um sujeito falaz,
que era o tal Leva-e-Traz;
uma velha brejeira,
D. Alcoviteira;
a Condessa Alegria,
a Hipocrisia!
(MEDEIROS, 1967, p.34)

À GUIA DE CONCLUSÃO

O texto literário como monumento humano, prenhe de significados e valores, encerra uma miríade de possibilidades quando do seu estudo, o que, em contrapartida, requererá por parte do leitor ferramentas apropriadas para a devida percepção daquilo que traz em seu bojo. A memória de um povo, dado o seu caráter coletivo, dependerá sempre do entendimento que se faz de suas mínimas partes, que conversarão entre si, complementando-se. A contribuição de Pedro de Medeiros nesse terreno se dá pela sua abordagem única, suas ricas imagens locais e pelo ineditismo da sua preocupação social com personagens até então preteridas pelos escritores regionais. Sendo o indivíduo também um sujeito construtor da história, já que as mudanças sociais e culturais surgem da relação do homem com o mundo, é de grande valia a redescoberta dos textos de Pedro de Medeiros com suas idiossincrasias e abordagem epistemológica que remetem a uma época, na qual a atuação de alguns pares essenciais - homem e natureza, urbano e rural, ricos e pobres - dividindo a mesma notoriedade, nos ajudam a conceituar a identidade de um povo a partir da formação da sociedade corumbaense do início do século XX. As narrativas literárias constroem uma representação acerca da realidade, entendendo que ficção ou realidade são indivisíveis. Para os teóricos da literatura, todo documento, seja literário ou não, é representação do real que se apreende e não se pode desconectar a realidade do texto construído. O texto de Medeiros tem a historicidade de sua produção e a intencionalidade de sua escrita, possui uma linguagem própria do segmento literário, embora, às vezes o discurso emerge do real.

Um escritor pode proporcionar informação sobre um acontecimento real, no caso de Medeiros, poderíamos citar a guerra do Paraguai, sem a necessidade de contar a guerra, apenas mostrar e fazer sentir os seus efeitos nos personagens, conseguindo com isso nos fazer respirar o ambiente do momento histórico. Porque não apenas a poesia contribui para a recuperação da memória, mas também qualquer narrativa realista que ancora um fragmento da história, posto que está situada em algum momento histórico, passado ou presente. É importante para a pesquisa histórica também o diálogo com a literatura para a restauração do passado, pois ela possibilita uma aproximação maximizada aos fatos e ações, pois mostra o passado acontecendo, permitindo ponderar e contrastar adequadamente a informação que propõem. A fonte não tem sentido se vista isolada. Geralmente há um acontecimento que o precede que devemos conhecer e, seguramente, outro que o sucederá, e nossa obrigação é reconstruir essas sequências da maneira mais completa possível, podendo a literatura abrir vários caminhos no sentido de ampliar nossa visão dentro de qualquer

tempo, garantindo uma plurissignificação de compreensões via leitor/receptor. A obra de Medeiros nos dá a percepção de uma Corumbá acontecendo em seu espaço-temporal dos primeiros anos do século XX. Porém, não podemos esquecer de que seu processo de criação está fortemente condicionado ao contexto social em que está inserido, porque o autor está mediatizado pelo seu entorno e, em grande parte, sua literatura reflete os temas e assuntos que têm relevância em sua época, o que permite avaliar os aspectos que foram notícias, semearam polêmicas, bem como possíveis soluções e atribui à literatura um lugar exônimo do dinamismo social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

ARF, Lucilene Machado G. Registro da poética fronteira urbana na obra de Pedro Medeiros. *Revista GeoPantanal* (UFMS), v. 12, p. 107-118, 2017.

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*, tradução e notas de Ivan Junqueira, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GOMES, Renato Cordeiro. *O nômade e a geografia: lugar e não-lugar na narrativa urbana contemporânea*. In: Semear, n.10. Rio de Janeiro: PUC, 2004

GONDAR, Jô. *Quatro proposições sobre memória social*. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Org.). *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005, p.11-26.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

HALBWACHS, Maurice: *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice, 1990

HOBSBAWM, Eric. *O ressurgimento da narrativa: alguns comentários*. In: *Revista de História*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1991.

ISER, Wolfgang. *O jogo do Texto*. In: *A literatura e Leitor: textos da estética da recepção*. Trad. Luiz da Costa Lima. São Paulo: editora Paz e Terra, 2002.

MEDEIROS, Pedro de. *Poesias, crônicas, comentários*. Org. Djalma Medeiros. Corumbá: Gráfica São Domingos, 1967.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: A problemática dos lugares*. Tradução de Yara Aun Houry. Projeto História. São Paulo, dez 1993. In: _____. *Les lieux de mémoire*. I La République, Paris, Gallimard, 1984. pp. XVIII-XLII.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. *Fronteiras do local: roteiro para uma leitura crítica de regional sul-mato-grossense*. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 2008.